



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ACOLHIMENTO E RESPEITO ÀS INDIVIDUALIDADES: ESTRATÉGIAS E LIVROS  
DE LITERATURA INFANTIL**

Rebecca Nazareth Rosa

Jader Janer

JUIZ DE FORA

2025

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientado pelo Professor Doutor Jader Janer.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho de conclusão de curso á Gustavo, por todo amor e aprendizado que construímos juntos. Obrigada por ser minha motivação.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me dar força, coragem e discernimento durante toda esta caminhada.

À minha família e amigos, pelo amor, por todo apoio nesta etapa e pelo incentivo que me mantiveram firme.

Ao meu orientador, pela paciência, escuta atenta e valiosas contribuições ao longo da construção deste trabalho.

Mas é aos meus **alunos da inclusão** que dedico minha gratidão mais profunda. Foi com vocês que aprendi as lições mais importantes — não aquelas dos livros, mas aquelas que transformam o olhar e o coração. Vocês me ensinaram que o amor se expressa no acolhimento, que o respeito se constrói no dia a dia e que os direitos só têm sentido quando garantem dignidade e voz a todos.

A convivência com cada um de vocês despertou em mim a verdadeira compreensão do que é ser educadora: alguém que aprende enquanto ensina, que escuta mais do que fala, que acolhe antes de julgar. Obrigada por me mostrarem que a inclusão não é um favor, mas um direito — e uma oportunidade de crescimento para todos nós.

Este trabalho é, acima de tudo, fruto do que vivemos juntos.

**Rebecca Nazareth Rosa**

**ACOLHIMENTO E RESPEITO ÀS INDIVIDUALIDADES: ESTRATÉGIAS E LIVROS DE LITERATURA INFANTIL PARA UMA INCLUSÃO EDUCACIONAL MAIS EFICAZ.**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários para a formação de licenciada em Pedagogia.**

Juiz de fora, agosto de 2025

Professor examinador

---

## **SUMÁRIO:**

- 1. Resumo**
- 2. Biografia**
- 3. Desenvolvimento das leis sobre inclusão no Brasil**
- 4. Papel da escola e da família**
- 5. Como trabalhar esse tema com as crianças?**
- 6. Curadoria, literatura para tratar sobre diversidade.**

## Resumo

Este trabalho de conclusão de curso em pedagogia se institui como uma sugestão de materiais literários sobre inclusão, diversidades e diferenças. Busca contribuir com esses processos no espaço escolar, trazendo matérias para auxiliar na conversa com pais e professores para uma inclusão social que contemplem todas as formas de ser, estar, existir e vivenciar o mundo.

A experiência escolar sistematiza não apenas o conhecimento, mas também a forma como nos enxergamos e somos acolhidos no mundo. Este trabalho nasce da minha vivência como aluna, marcada por dificuldades de aprendizagem que só mais tarde foram compreendidas como sinais de que cada indivíduo aprende de forma única e singular. Durante anos, enfrentei obstáculos em uma escola tradicional que não compreendia minhas necessidades, especialmente na matemática — o que me levou, ainda criança, a sentir-me incapaz.

Essa trajetória pessoal despertou em mim o desejo de estudar o **acolhimento e o respeito às individualidades** como pilares fundamentais para um ensino verdadeiramente inclusivo. A partir de uma revisão bibliográfica e do estudo das principais leis que sustentam a inclusão no Brasil, este trabalho busca compreender como as práticas pedagógicas diferenciadas e um ambiente acolhedor podem transformar a experiência educacional de tantos alunos que, como eu, precisavam apenas de um olhar mais sensível.

Este TCC não é apenas uma produção acadêmica, mas um manifesto em favor da **equidade educacional**, da valorização da diversidade e da urgente necessidade de que escolas e famílias atuem juntas na construção de um ambiente mais justo e inclusivo para todos.

Palavras chaves: Inclusão, leis de inclusão e Literatura Infantil.

## Abstract

This final paper in Pedagogy is presented as a suggestion of literary materials that address inclusion, diversity, and differences. It aims to contribute to these processes within the school environment, offering resources to support dialogue with both parents and teachers, in favor of a social inclusion that embraces all ways of being, existing, and experiencing the world.

The school experience shapes not only knowledge but also the way we see ourselves and feel welcomed in the world. This work emerges from my personal journey as a student, marked by learning difficulties that were only later understood as signs that each individual learns in a unique and singular way. For years, I faced challenges in a traditional school that failed to meet my needs—especially in mathematics—which led me, as a child, to feel incapable.

This personal trajectory awakened in me the desire to study **welcoming and respect for individual differences** a fundamental pillars of truly inclusive education. Through a literature review and the study of the main laws that support inclusion in Brazil, this work seeks to understand how differentiated pedagogical practices and a welcoming environment can transform the educational experience of so many students who, like me, simply needed a more sensitive gaze.

This TCC is not just an academic production; it is a **manifesto for educational equity**, for the appreciation of diversity, and for the urgent need for schools and families to work together in building a fairer and more inclusive environment for all.

**Keywords:** Inclusion, individuality, respect, inclusion laws, transformation, and evolution.

**“Nossa força reside na diversidade, nossa motivação na inclusão.”**

**Jonh W. Gardner**

A minha história escolar começa em fevereiro de 2003 aos 3 anos, meu primeiro ano na escola, na turma do maternal com atividades que desenvolviam minha coordenação motora fina e ampla e outras que eram consideradas naquele contexto, essenciais para o processo de desenvolvimento. Conviver, brincar, participar, explorar,

expressar e conhecer-se, tudo eram ações presentes no cotidiano da Educação Infantil e que me traziam momentos de muitas tranquilidades.

Porém, com o passar do tempo, passei a vivenciar outras situações. As coisas **começaram** a ficar complicadas para eu entender quando coisas concretas passaram a ser abstratas e eu teria que interpretá-las. O cotidiano escolar apresentava novos movimentos que se tornaram grandes desafios para mim, por exemplo, aos nove anos meu monstro acadêmico se chamava Matemática, eu teria que compreender adição e subtração com os significados de juntar, acrescentar, separar, retirar, comparar e completar quantidades, utilizando diferentes estratégias de cálculo exato ou aproximado, incluindo cálculo mental. Meu cérebro, meu corpo e sua totalidade não conseguia calcular sem ver as quantidades concretas na minha frente, fazer isso de forma mental era praticamente impossível aos meus pequenos olhos.

As outras matérias de humanas e linguagem eram muito tranquilas e fáceis de entender, mas matemática não, os anos iam e vinham minha dificuldade aumentava de acordo com a complexidade da matéria.

Não imaginava que toda aquela dificuldade poderia ser algo a mais, nesse período eram horas estudando, horas de exercícios e o aprender se tornou decorar. Aos meus nove anos eu me via de recuperação em todo bimestre, me sentindo uma criança incapaz, sem autoestima e estímulos que me fizessem progredir. Vivenciar conteúdos abstratos eram desafios, os quais buscavam ir contornando.

A escola em que eu estudava era considerada por muitas pessoas uma boa escola e com esse adjetivo, seguia os princípios pedagógicos comuns a qualquer perspectiva mais tradicional: todas as crianças se sentavam em fileiras, passavam um bom tempo sentadas copiando atividades do quadro e fazendo tudo no abstrato e muitas vezes sem sentido para uma criança como eu. Para mim que precisava visualizar no concreto era muito difícil me envolver com as atividades propostas e os conteúdos.

Foi vivenciado essa condição da diferença, que comecei a perceber que O processo de ensino-aprendizagem de cada indivíduo não é exatamente igual, há parâmetros, mas não é uma regra que todos estarão no mesmo nível deste processo e, claro, ao mesmo tempo. Sabendo que é um movimento que acontece de forma diferente para cada pessoa, comecei a compreender que é necessário um conjunto de estratégias cognitivas que impulsionam um processo que muitas das vezes deve ser singular e único. Precisamos reconhecer que os indivíduos são diferentes, que esse desenvolvimento irá acontecer de forma única, construindo habilidades, interesses, inteligências, que nos formam como pessoas que, ao mesmo tempo que compartilhamos experiências comuns, temos vivências singulares.



**“A criança é um ser em desenvolvimento e, como tal, não pode ser compreendida fora do processo que a constitui. Cada criança se desenvolve de maneira única, e esse desenvolvimento deve ser entendido como um todo orgânico, histórico e social.”**  
— Vigotski, *Sete Aulas sobre os Fundamentos da Pedologia*

### **Origem e relevância do Tema**

A escolha do tema *“Acolhimento e respeito às individualidades: estratégias e livros de literatura infantil para uma inclusão educacional mais eficaz”* está profundamente enraizada na minha vivência pessoal e na construção da minha identidade docente. Durante a minha trajetória escolar, enfrentei diversos desafios por conviver com o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), numa época em que essa condição ainda era pouco compreendida e raramente considerada pela escola tradicional. Fui muitas vezes rotulada como desatenta, indisciplinada ou incapaz, quando, na verdade, o que me faltava era acolhimento, escuta, adaptação e empatia.

Esse percurso, marcado por sentimentos de inadequação, silêncio e frustração, deixou marcas que, mais tarde, se transformaram em motivação para minha atuação como educadora. Ao ingressar na docência, compreendi que a escola não pode mais repetir os erros do passado. A inclusão não deve ser apenas um discurso, mas uma prática comprometida com o respeito à diversidade humana e ao direito de todos à aprendizagem com dignidade.

O presente trabalho surge, portanto, do entrelaçamento entre memória e compromisso: memória de uma infância escolar pouco inclusiva, e compromisso com uma educação mais sensível, acolhedora e justa. A inclusão educacional, fundamentada em leis como a Lei Brasileira de Inclusão Segundo a Lei (nº 13.146/2015) “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar à pessoa com deficiência, em igualdade de condições com as demais pessoas, o direito à educação” (BRASIL, 2015, art. 27) “a LDBA educação especial, modalidade de educação escolar, perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, e será ofertada, preferencialmente, na rede regular de ensino” (BRASIL, 1996, art. 58, §1º) não se limita à presença física do aluno na sala de aula, mas exige a construção de estratégias pedagógicas que considerem as necessidades específicas de cada sujeito.

Neste contexto, a **literatura infantil** revela-se uma ferramenta potente: por meio das narrativas, das imagens e das personagens diversas, é possível trabalhar valores como empatia, respeito, cooperação e identidade, além de favorecer o diálogo sobre as diferenças de forma lúdica e acessível. Ao lado de práticas pedagógicas que acolham os ritmos, estilos de aprendizagem e subjetividades das crianças, o livro literário torna-se um aliado na efetivação da inclusão.

Assim, este trabalho busca refletir sobre como o acolhimento, aliado a estratégias pedagógicas conscientes e ao uso intencional da literatura infantil, pode contribuir para uma educação verdadeiramente inclusiva, capaz de transformar a escola em um espaço onde todas as crianças se sintam vistas, valorizadas e respeitadas em sua singularidade.

**"A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa (...), garantindo igualdade de condições para o acesso e permanência na escola."**

— BRASIL, 1988, *Constituição Federal*, art. 205 e 206.

Apesar de mais de três décadas deste processo de leis e inserção nas escolas, foi nesses últimos anos que houve uma maior visibilidade em como enxergar o estudante, teóricos e especialistas começaram a dar mais ênfase nessas políticas necessárias dentro do ambiente escolar.

No Brasil, políticas de educação inclusiva começaram a se consolidar a partir da transição da educação especial segregada para uma perspectiva de inclusão nas décadas de 1980–1990, mas ganharam força e regulamentação jurídica ao longo dos anos seguintes. Aqui vai uma linha do tempo com os principais marcos:

- Marco jurídico e político no Brasil

1854–1857: Criados os primeiros institutos para cegos e surdos, mas com abordagem segregada e médica.

1961: A LDB (Lei nº 4.024/61) estabelece o acesso de pessoas com deficiência à rede de ensino comum, ainda sob denominação de “excepcionais”.

1988: A Constituição Federal reconhece o direito à igualdade de acesso e permanência na escola, introduzindo o atendimento educacional especializado (AEE).

1994: O Brasil adere à Declaração de Salamanca, internacionalmente influente na promoção da inclusão nas escolas regulares.

1996: A nova LDB (Lei nº 9.394/96) expressamente define a educação especial na perspectiva da inclusão, obrigando as escolas a se adaptarem.

- Implementação prática

2001: São publicados as “Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica”, orientando a implantação da AEE nas escolas.

2003: Surge o programa "Educação Inclusiva: Direito à Diversidade", com foco na formação de professores, implantação de salas de recursos e apoio técnico em municípios-polo.

2008: É sancionado o Decreto 6.571, que regulamenta o AEE e estabelece apoio técnico e financeiro para as redes públicas.

2015: A promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) reforça direitos das pessoas com deficiência, incluindo o campo educacional, ampliando a exigência de acessibilidade.

Em resumo a evolução das leis de inclusão no Brasil reflete uma mudança significativa na forma como a sociedade compreende os direitos das pessoas com deficiência e necessidades específicas. Inicialmente marcada por uma visão assistencialista e segregadora, a legislação brasileira passou a adotar uma perspectiva mais inclusiva, baseada na valorização da diversidade e na promoção da equidade.

O principal marco dessa mudança foi a Constituição Federal de 1988, que garantiu, pela primeira vez, o direito à educação para todos, assegurando atendimento especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Esse princípio foi reforçado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que passou a prever adaptações curriculares e serviços de apoio à inclusão escolar.

Em 2008, a publicação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva consolidou a ideia de que os alunos com

deficiência devem ser atendidos nas escolas regulares, com o apoio necessário ao seu desenvolvimento. No mesmo ano, o Brasil ratificou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, atribuindo-lhe status de emenda constitucional. Essa convenção estabeleceu que a educação inclusiva é um direito humano fundamental e que os sistemas educacionais devem eliminar barreiras e garantir o acesso pleno à aprendizagem.

Outro avanço importante ocorreu com a criação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2015. Também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência, essa lei reforçou o direito à educação inclusiva em todos os níveis de ensino, proibindo qualquer forma de discriminação e garantindo a oferta de adaptações razoáveis, apoio individualizado e acessibilidade. Por fim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada entre 2017 e 2018, reafirmou o compromisso com a inclusão ao reconhecer a diversidade como um valor fundamental do processo educativo, orientando as escolas a adotarem práticas pedagógicas que respeitem as singularidades dos estudantes.

As leis brasileiras de inclusão passaram a reconhecer que todos os alunos, independentemente de suas características, têm o direito de aprender juntos, em um ambiente escolar que valorize a diferença e promova a justiça social.

Com cerca de trinta anos neste processo de inserção da inclusão nas escolas e em outros espaços, entraremos na pauta do que é papel da escola e da família em detrimento a essa temática. A inclusão de alunos atípicos aqueles que apresentam deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou outras condições específicas é um compromisso social e educacional que exige a atuação conjunta da escola e da família. Ambos têm papéis fundamentais e complementares no processo de garantir uma educação de qualidade, que respeite as singularidades e promova o desenvolvimento integral desses estudantes.

A escola, como espaço de aprendizagem e convivência, tem a responsabilidade de oferecer um ambiente acessível, acolhedor e livre de preconceitos. Cabe à instituição adaptar seu currículo, suas práticas pedagógicas e seus recursos para atender às necessidades dos alunos atípicos, respeitando seu ritmo de aprendizagem e suas potencialidades. Além disso, é essencial que os profissionais da educação estejam capacitados para trabalhar com a diversidade, utilizando estratégias inclusivas que favoreçam a participação ativa de todos os estudantes na vida escolar. A presença de equipes de apoio, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a colaboração com profissionais da saúde também são fundamentais nesse processo.

Já a família exerce um papel igualmente importante. É a primeira rede de apoio emocional da criança ou do jovem, e sua atitude frente à condição do filho influencia diretamente na autoestima, no comportamento e na relação da criança com a escola. Uma família que acolhe, incentiva e participa ativamente da vida escolar contribui significativamente para o sucesso da inclusão. Além disso, a parceria entre escola e família é indispensável: o diálogo constante, o compartilhamento de informações e o envolvimento nos processos pedagógicos fortalecem a confiança e criam uma rede sólida de suporte para o aluno.

Portanto, a verdadeira inclusão só se concretiza quando escola e família trabalham juntas, com empatia, respeito e comprometimento. Essa aliança é essencial para garantir que os alunos atípicos não apenas estejam presentes no ambiente escolar, mas também se sintam pertencentes, valorizados e capazes de aprender e conviver em igualdade de condições com os demais.

Falar sobre inclusão e diversidade com crianças é uma tarefa essencial para a construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e empática. Esse trabalho deve começar desde cedo, dentro da escola e da família, utilizando uma abordagem sensível, lúdica e adequada à idade das crianças. Ensinar que as pessoas são diferentes em suas aparências, formas de viver, culturas ou habilidades ajuda a combater preconceitos e promove valores como o respeito, a solidariedade e a convivência pacífica.

A linguagem usada ao abordar esses temas deve ser simples e acessível, de modo que a criança compreenda o que está sendo dito sem dificuldade. É importante incentivar o diálogo, permitindo que elas façam perguntas, expressem suas opiniões e compartilhem experiências. Ouvir o que as crianças pensam sobre as diferenças é uma forma poderosa de educá-las com afeto e consciência.

A literatura infantil é uma grande aliada nesse processo. Por meio de histórias com personagens diversos com diferentes culturas, deficiências, cores de pele ou realidades sociais, as crianças se colocam no lugar do outro e aprendem de maneira natural e envolvente. Após a leitura, conversar sobre os sentimentos e as atitudes dos personagens ajuda a aprofundar a reflexão e a aplicar esses aprendizados na vida real.

Além disso, as atividades lúdicas são fundamentais para tratar inclusão e diversidade. Brincadeiras cooperativas, jogos que envolvam a colaboração entre os colegas, dramatizações, músicas e desenhos são recursos que ensinam enquanto divertem. Durante essas atividades, é possível trabalhar valores como empatia, escuta, paciência e respeito pelas diferenças.

Outro ponto importante é o exemplo dado pelos adultos. Crianças aprendem principalmente com o que observam. Por isso, professores, pais e cuidadores devem adotar atitudes inclusivas no dia a dia, tratando todas as pessoas com igualdade e combatendo qualquer tipo de discriminação. Também é importante criar um ambiente escolar acessível e acolhedor, onde todas as crianças se sintam pertencentes e valorizadas, independentemente de suas características.

Em resumo, tratar temas como inclusão e diversidade com crianças é uma construção contínua, que exige intenção, escuta e amor. Quando ensinamos as crianças a respeitar as diferenças desde cedo, estamos formando indivíduos mais humanos, sensíveis e preparados para conviver com o outro de maneira ética e solidária.



## Curadoria de livros infantís sobre inclusão

**“Os livros literários ensinam a ver o outro, a compreender a diferença e a conviver com ela. A literatura é um dos primeiros espaços simbólicos de inclusão.”**

— REYES, 2010, p. 34

A literatura infantil, além de entreter e potencializar a imaginação, possui um papel fundamental na formação ética, social e emocional de crianças e adultos. A escolha de abordar o uso de livros de literatura infantil como recurso pedagógico neste trabalho nasce da compreensão de que as narrativas literárias são veículos poderosos para **ensinar valores**, promover **reflexões sobre o outro** e **naturalizar as diferenças** desde os primeiros anos de vida.

Ao tratar da **inclusão educacional**, muitas vezes recorremos a termos técnicos e legislações que, embora fundamentais, nem sempre alcançam o coração ou despertam empatia. A literatura, por sua vez, alcança aquilo que os dados não explicam: ela toca, sensibiliza e humaniza. Por meio de histórias que abordam temas como deficiência, diversidade, preconceito e respeito às individualidades, é possível criar **pontes entre a experiência sensível da infância e a compreensão crítica dos adultos**, sejam eles professores, familiares ou cuidadores.

Este trabalho nasce, portanto, da convicção de que **os livros infantis são instrumentos acessíveis, didáticos e afetivos**, capazes de transmitir mensagens de inclusão de maneira lúdica e significativa. Ao utilizar personagens diversos, realidades plurais e conflitos comuns, essas obras promovem o acolhimento, a empatia e o respeito às diferenças, contribuindo diretamente para a construção de uma escola mais justa, plural e acolhedora.

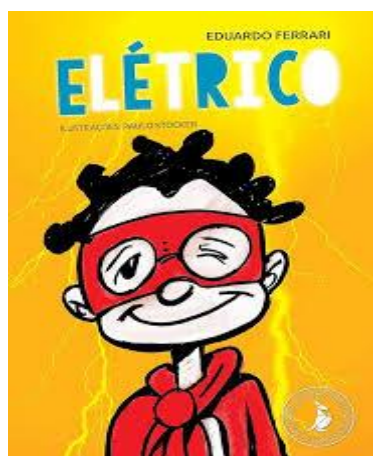
Mais do que uma proposta metodológica, este trabalho apresenta um olhar sensível e comprometido com a formação de sujeitos que reconhecem no outro — em sua singularidade — uma oportunidade de convivência, crescimento e transformação.



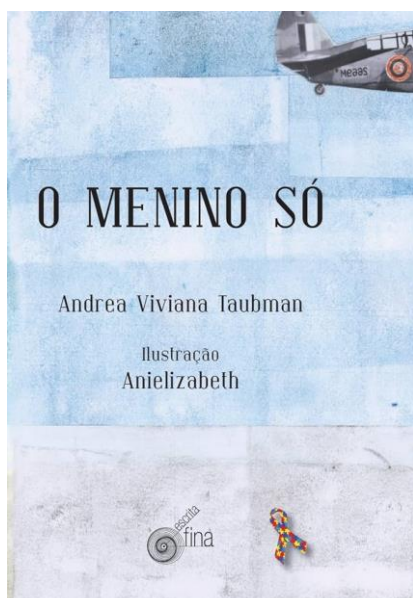
“A publicação aborda, de forma lúdica e atual o TDAH - distúrbio que acomete 5% da população infantil mundial -, através da história de Tinoco, um garoto que tem dificuldade em executar as tarefas diárias, como arrumar a mochila para ir à escola, fazer o dever de casa e até mesmo brincar com os colegas. No livro, a autora desmistifica situações vivenciadas por pais, mães, cuidadores, professores e profissionais de saúde.”-



“Pode parecer muito difícil acolher alguém diferente. Por isso, este livro procura explicar como funciona a mente de uma criança no espectro autista e, assim, tornar muito mais fácil para as demais crianças compreendê-la e se tornarem verdadeiros amigos. Esta é a história de um menino alegre e amoroso, que adora socializar, mas tem muita dificuldade em se comunicar e manter sua mente calma. Isso pode assustar as outras crianças, que não sabem como lidar com ele. Durante a história, o menino mostra às demais crianças como pode ser fácil ajudar e derrubar as barreiras para que ele seja incluído e querido pelos amigos.”



“Seu filho não para quieto, pula de um lado para o outro o tempo todo. Ansioso, não consegue esperar pela sua vez ou se concentrar por muito tempo em qualquer atividade. E tem sempre algum adulto, um parente ou um amigo, olhando para você como se esse excesso de energia fosse culpa sua – o pai ou a mãe que não sabe como colocar limites numa criança. “Que menino elétrico!” é a frase que você e seu filho mais escutam? A agitação é uma das características conhecidas do TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), mas a verdade é que a desinformação sobre o transtorno ainda alimenta muito preconceito na sociedade”.

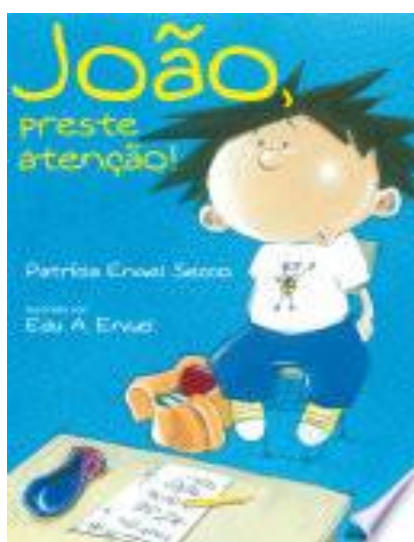


“O livro apresenta o “menino só” como uma criança com autismo, mostrando como ele percebe o mundo ao seu redor. A narrativa explora a sensibilidade do menino, sua dificuldade em interagir com o mundo externo e sua forma particular de sentir e expressar emoções. O livro aborda a importância de entender as necessidades específicas das crianças autistas para que elas possam se desenvolver plenamente.”





““Elétrico”, em 2019. “Distraído”, em 2020. “Falante”, em 2021. O capítulo final da trilogia com histórias de Bernardo, uma criança portadora de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), retrata a evolução do personagem ao longo dos anos. Um livro para crianças hiperativas, que irão se identificar com a obra e para os pais delas, que encontrarão nas páginas uma ferramenta para entender como funciona o cérebro de seus pequenos.”



“João estava muito feliz. Ele havia passado de ano. E com notas boas! Com nove anos completos, João tem dificuldade de aprendizado. Foi só no meio do ano que uma psicóloga, amiga de sua mãe, começou a ajudá-lo.

Ela conseguiu fazer com que todos compreendessem melhor as dificuldades de João. O distúrbio que João apresenta, a dislexia, não impede que ele tenha uma vida escolar normal, apenas requer atenção especial, amizade e apoio dos pais e professores.”

“Uma história sobre empatia, inclusão e vida em comunidade para encantar os leitores mais diversos.



“A campainha toca, a menina abre a porta e encontra como presente um guarda-chuva azul. Há um bilhete que não explica quem deixou a surpresa, tão pouco a criança se pergunta quais seriam seus motivos. Presente é presente, vai que chove. Neste guarda-chuva cabe todo mundo: a mãe, o senhor de turbante, o homem de tranças, a avó, os netos, a senhora de cabelo rosa, os cães..., mas as pessoas que o usaram naquele dia encontraram mais do que um simples abrigo. Elas compartilharam algo de fato extraordinário.”



“Conheça a história de Anna, uma menininha que não conseguia falar. A personagem tem Mutismo Seletivo, uma condição que faz parte dos Transtornos de Ansiedade da criança e traz prejuízos de ordem socioemocional e acadêmica, em um período importante do desenvolvimento infantil. A recusa em falar visa amenizar uma ansiedade avassaladora com a qual a criança não sabe lidar. Então, cala-se e não consegue verbalizar uma única palavra: a boca não se move, e a infância fica sufocada, abafada e silenciada.”



“Nos revela com graça, afetividade e um senso muito simples e direto da realidade, a vida vivida por crianças com síndrome de Down e suas famílias. E desmente algumas das crenças mais difundidas sobre elas:– Sempre estão felizes? Não, também se entristecem e se aborrecem, divertem-se e choram; são amorosos e fazem piadas e riem dos outros, mentem e fazem travessuras... Anjinhos? Não! São crianças.”



“Conheça a história de Nil, um menino autista, e Bia, sua colega de escola, que nos mostra que o carinho e a compreensão revelam que a verdadeira amizade não conhece limites. Através do olhar de Bia, explore como pequenas diferenças se transformam em grandes ensinamentos sobre amizade, respeito e empatia. Com uma narrativa sensível, meu amigo faz iiii é uma ferramenta valiosa para promover conversas sobre diversidade, empatia e o poder da amizade com crianças.”



“Com linguagem acessível e ilustrativa, este livro busca psicoeducar o público infantil sobre o transtorno de oposição desafiante (TOD). Ele explica as dificuldades encontradas pelas crianças com TOD, suas alterações e o modo como podem ser ajudadas a ter qualidade de vida, bem como prevenir alterações comportamentais e emocionais decorrentes do transtorno. Por meio da conexão entre o entendimento do TOD e as estratégias de enfrentamento para possíveis dificuldades, o leitor poderá reconstruir suas ideias e comportamentos, promovendo pensamentos mais funcionais na luta contra os sintomas.”



“Tudo bem ser diferente trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançado o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito racial, entre outros.”

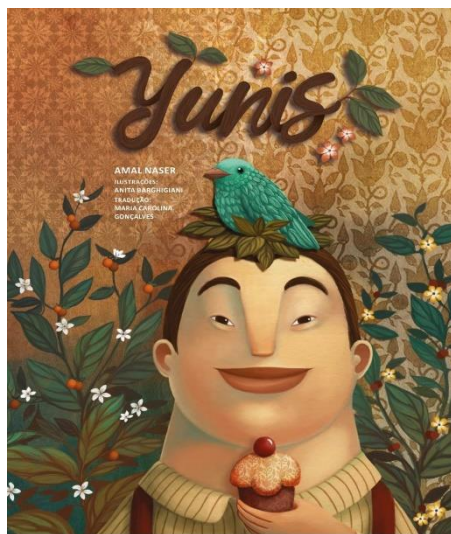


“Rodrigo é um menino com deficiência visual que sempre brincou com pipas e carrinhos de rolimã com seus amigos. Quando entra na escola regular, André, um colega de classe, percebe que Rodrigo consegue enxergar o mundo de uma forma diferente. Dessa forma, *Rodrigo Enxerga Tudo* traz uma narrativa essencial para abordar que está tudo bem ser diferente, pois o que é fundamental é a inclusão, o apoio e o afeto.”





“Quando Daniel perde a audição, aos sete anos, ele precisa aprender a se comunicar com as mãos. Seus pais e o irmãoodão o maior apoio durante essa adaptação, e o matriculam em uma escola especializada em educação para surdos, onde ele aprende a libras, a Língua Brasileira de Sinais. É assim que ele e a família se comunicam. Depois de um tempo, Daniel passa a frequentar simultaneamente uma escola comum. Nesta, porém, ele sofre bullying e não consegue interagir com os colegas, pois ninguém compreende a língua de sinais. Tudo muda quando o garoto por pouco não sofre um grave acidente devido à surdez. A cena é presenciada por uma colega de classe que, naquele instante, entende o que é ser surdo. A partir daí surge a solidariedade. Os colegas descobrem que falar com as mãos pode ser divertido e ganham um amigo esperto e inteligente.”



“Yunis, um garotinho com síndrome de Down, é um cozinheiro de mão cheia: doces e bolos maravilhosos são preparados por ele. Distribuindo seus quitutes pela vizinhança, ninguém sabe quem é o responsável pelas comidas. Quando descobrem, qual será a reação delas?”



“E se a gente conseguir ser igual ao outro e diferente ao mesmo tempo? As pessoas estão prontas para lidar com a diversidade? Escrito a partir de uma história real, “Por que Heloísa” aborda a trajetória de uma menina com paralisia cerebral e nos mostra que modificar nossa forma de olhar as questões relacionadas à deficiência e à existência humana pode tornar o mundo melhor para todos.”

## Referências

**ALVES, Dayane.** *Uma curadoria de literatura voltada à convivência dos pais e as vivências familiares*. [S. l.], 2021. Trabalho acadêmico.

VIGOTSKI, L.S. Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia. Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021

**VIGOTSKI, L. S.** *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes (orgs.). Rio de Janeiro: E-papers, 2018. Primeira aula, p. 18

**OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de.** *Literatura infantil: vozes da diversidade na educação infantil*. Campinas: Papirus, 2010.

**BRANDÃO, Maria Carolina da Silva.** *Diversidade na literatura infantil: uma ponte para a inclusão*. Revista Educação e Linguagem, v. 25, n. 2, p. 213–229, 2022.

**BRASIL.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

**BRASIL.** Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 out. 1988.

**BRASIL.** Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 3, 26 ago. 2009.

**BRASIL.** Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015.